ATENDIMENTO À POPULAÇÃO LGBTQIA+ PELA PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DO CURSO DE MEDICINA

Felício de Freitas Netto (CNPq/PIBIC), Bruna Heloysa Alves, Fabiana Postiglione Mansani (Orientador), e-mail: fpmansani@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Medicina

Ciências da Saúde, Saúde Coletiva
Palavras-Chave: *Pessoas LGBTQIA+, Conhecimento, Medicina.*

Resumo

A comunidade lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênero, *queer,* intersexo e assexual, é vítima de diversas formas de preconceito perante a sociedade. O atendimento em saúde inclui-se nessa estatística. Trata-se de um estudo transversal, quali-quantitativo, com a participação de 117 estudantes do curso de Medicina de uma universidade do Sul do Brasil. A maioria dos pesquisados, apesar de demonstrarem segurança ao atenderem a comunidade LGBTQIA+, também evidenciam desconhecimento significativo sobre a temática.

Introdução

Há ampla distribuição de formas de preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, uma sigla em formato de anagrama que, respectivamente, significa lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, queer, intersexo e assexuais. Considerando-se a escassez de pesquisas locorregionais a respeito do atendimento específico à população LGBTQIA+, enfatiza-se a necessidade de aprofundar estudos sobre o tema. Estudos dessa natureza podem ser importantes fontes de aprimoramento do atendimento em toda rede de assistência à saúde e na melhoria da relação médico-paciente.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo transversal e de abordagem quali-quantitativa, não controlado, no qual participaram 117 alunos regularmente matriculados no curso de Medicina de uma universidade do Sul do Brasil. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Foram aplicados dois questionários, um sobre o perfil sociodemográfico e outro a respeito do atendimento específico à comunidade LGBTQIA+. Os dados foram processados em planilhas eletrônicas do programa Microsoft Office Excel® e os resultados apresentados em frequências absoluta e relativa.

Resultados e Discussão

Do total de 242 discentes do universo amostral do curso de medicina de uma universidade do Sul do Brasil, 117 (48,3%) responderam aos questionários, sendo que 11 (9,4%) eram do 1º ano do curso, 18 (15,4%) pertenciam ao 2º ano, 19 (16,2%) cursavam o 3º ano, 9 (7,7%) estavam no 4º ano, 35 (29,9%) eram do 5º ano e 25 (21,4%), do 6º ano. Dos 117 acadêmicos, 66 (56,4%) representavam o gênero feminino, 49 (41,8%), o gênero masculino e 2 (1,8%) identificaram-se como não- binários. No que tange à orientação sexual, 89 (76,1%) mencionaram ser heterossexuais, 13 (11,1%), homossexuais, 14 (12%), bissexuais e 1 (0,8%), pansexual. Ao serem questionados acerca de já terem feito um atendimento à população LGBTQIA+, 86 (73,5%) responderam que já o realizaram, enquanto que 31 (26,5%) nunca o fizeram. A maioria dos estudantes (59%) referiram que se sentiriam à vontade ao atenderem tal demanda, em contrapartida, 87 (74,4%) relataram não terem conhecimento sobre as campanhas municipais, estaduais e/ou federais sobre esta comunidade. Além disso, 92 (78,6%) supuseram que tal população é atendida de forma preconceituosa pelos profissionais de saúde, corroborando com os achados de Souza, em 2015. Por fim, quando requeridos a "classificarem" uma pessoa, evidenciada em uma imagem, quanto à sua identidade de gênero e orientação sexual, 98 (83,8%) não questionaram essa solicitação, quando, de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), não é adequado, tampouco correto, julgar um ser humano baseando-se apenas em seu estereótipo. (POPADIUK, OLIVEIRA, 2016)

Conclusão ou Conclusões

A maioria dos estudantes de Medicina demonstraram confiança ao atenderem demandas específicas da comunidade LGBTQIA+, no entanto, mais de 70% relataram não dominarem assuntos referentes à referida população. Tendo-se em vista os resultados evidenciados, sugere-se que haja a implementação de uma matéria destinada a assuntos em saúde acerca da comunidade LGBTQIA+, a fim de que suas demandas sejam supridas com equidade, respeitando-se assim um princípio doutrinário do SUS (Sistema Único de Saúde).

Agradecimentos

Agradeço à professora, doutora e orientadora deste projeto Fabiana Postiglione Mansani, à coautora Bruna Heloysa Alves, à Universidade Estadual de Ponta Grossa e ao CNPQ pelo fomento à pesquisa.

POPADIUK, Gianna Schreiber; OLIVEIRA, Daniel Canavese; SIGNORELLI, Marcos Claudio. A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e o acesso ao processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS): avanços e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 1509-1520, 2017.

SOUZA, Camila Cristina de Castro. Política públicas para população LGBT no Brasil: Do estado de coisas ao problema político. **VII Jornada Internacional Políticas Públicas. São Luís: Universidade Federal do Maranhão**, 2015.